



Escalonar as escolas (??)

A realização das provas aferidas no 1º ciclo, veio suscitar um debate em relação à divulgação dos seus resultados que rapidamente se radicalizou em torno da necessidade, defendida por algumas pessoas, de uma divulgação anual pública dos resultados das diversas provas de avaliação do ensino básico e secundário, escalonando as escolas a nível nacional. O director do jornal Público, tem-se apresentado como um acérrimo defensor desta posição, que em nome do ensino de qualidade, defende o que apelida por escola meritocrática, ou seja escola de mérito, que premeia os melhores alunos, entenda-se os que melhores classificações obtêm nos exames nacionais.

Sob o título *Ainda os filhos de Rousseau*, Alberto Amaral (ex-reitor da Universidade do Porto) entra na polémica escrevendo:

Mas o que significa o *ranking* das escolas fora de um contexto que é bem mais complexo do que uma simples posição numa lista ordenada? Como comparar, por exemplo, as taxas de sucesso ou as notas dos alunos do Garcia da Orta com as do Bairro do Lagarteiro; ou as da Rainha D. Amélia com uma escola do Casal Ventoso? E as comparações entre escolas das grandes cidades e as de pequenas povoações do interior? Qual o significado real? Onde estão os professores mais dedicados? O que resultará desta divulgação em termos de melhoria da qualidade do sistema? Os modelos de competição com regras de tipo mercado e baseadas em *rankings* ou *shares* podem porventura levar a resultados que no curto prazo podem ser economicamente eficientes mas que serão deploráveis sob o ponto de vista da equidade social ou da qualidade. Ninguém no seu perfeito juízo poderá defender que a concorrência

Irlanda do Norte

“Rankings” vão deixar de ser divulgados

A LISTA das melhores e piores escolas da Irlanda do Norte vai deixar de ser divulgada. O ministro da Educação, Martin McGuinness, decidiu assim pôr fim à controversa questão dos “rankings”, publicados anualmente desde 1993. A decisão surge no seguimento de um inquérito aos estabelecimentos de ensino. Três quartos dos inquiridos mostraram-se favoráveis à eliminação da divulgação dos resultados obtidos pelos alunos nas provas nacionais. Caberá agora às escolas

tratarem elas próprias a informação e divulgarem-na sob a forma de relatórios anuais, destinados aos pais. “Muitos inquiridos consideraram que a divulgação de documentos

por alguns sindicatos. Segundo um dirigente citado pela BBC “on-line”, os “rankings” resultam numa “forma de competição perversa agravada pela publicação nos jornais”. Para o desempenho ser avaliado, aos seus reitores e não em outros estabelecimentos. Este tem sido o método utilizado pelas escolas da divulgação

do desempenho das escolas a partir das notas dos alunos nos exames, alegam, deixa de fora outros factores importantes, como as características sócio-económicas dos estudantes que as frequentam. A forma como as escolas passarão a organizar e a divulgar os resultados obtidos vai dificultar a tarefa dos meios de comunicação social britânicos, que, todos os anos, ordenavam e publicavam a lista com as melhores e piores escolas do Reino Unido. ■

BBC “on-line”, os “rankings” resultam numa “forma de competição perversa agravada pela prejudicial publicação de listas nos jornais”. Para

A medida foi já aplaudida | das listas. É que a comparação

das televisões na luta pelo melhor *share* tenha produzido uma televisão admirável. E o mesmo se verifica na aplicação pouco cuidada dos princípios da competição ao ensino. Podemos mesmo levar as coisas ao extremo, imaginando uma escola a rejeitar à partida alunos com alguma deficiência, ou com problemas de aprendizagem, para não pôr em risco a sua ‘eficiência’. Será isto aceitável? Não terão estes alunos direito a entrar numa escola no topo do *ranking*? (Público, 18/Jan.2001).

Não podemos deixar de subscrever as opiniões de Alberto Amaral pois traduzem as preocupações do nosso trabalho diário. Mais do que treinar os alunos para testes escritos nacionais, excluindo os que menos se adaptam a esse sistema competitivo, lutamos no dia-a-dia para a integração plena dos jovens de todos os sectores sociais na vida escolar, tanto no plano social como académico, procuramos desenvolver a solidariedade numa escola para todos, onde haja lugar tanto para os que querem ser médicos como para os que querem ser pedreiros.

O exemplo da Irlanda, de que trata a notícia que seleccionámos para este número, deve merecer a nossa reflexão. Desde 1993 que eram publicados anualmente os *rankings*

pelos opositores da divulgação das listas. É que a comparação do desempenho das escolas a partir das notas dos alunos nos exames, alegam, deixa de fora outros factores importantes, como as características sócio-económicas dos estudantes que as frequentam.

das escolas. Realizado um inquérito aos estabelecimentos de ensino, verificou-se que três quartos dos inquiridos se mostraram favoráveis à eliminação da divulgação do desempenho dos alunos escola por escola, por trazerem mais prejuízos do que benefícios. A lista das melhores e piores escolas da Irlanda do Norte vai deixar de ser publicada.

Claro que as escolas devem dar contas do seu trabalho. O plano educativo de cada escola deve ser conhecido e envolver a comunidade. Os seus êxitos, bem como as suas dificuldades, devem ser objecto de reflexão e debate. As escolas não são uma ilha no meio de uma sociedade e o seu trabalho tem de ser visto de uma forma colaborativa com todos aqueles que se preocupam com a educação e o futuro dos jovens.

Ana Vieira, Paula Espinha
Esc. Sec. Linda-a-Velha